

Debate sobre a Conferência do Pe. Dr. João Batista Libânio, SJ

*Sintetizadores: Ismael Weiduschath
e Fernando Steffens**

* Graduandos do 2º ano de Teologia da FACASC.



Debatedor: Pe. Dr. Domingos Volney Nandi

A minha saudação carinhosa a todos, de modo particular, ao Pe. João Batista Libânio, que nos presenteou com sua brilhante apresentação. Quero dizer que tenho sido muito elogiado em minhas falas, não pelo conteúdo, mas pela brevidade. (risos). Meu objetivo central será costurar a trilogia apresentada pelo Pe. Libânio (Igreja-Sociedade-Juventude) com o fenômeno da comunicação, cuja repercussão é forte na sociedade atual e, além disso, é minha área de especialização.

Abro a reflexão com um mito grego: O canto das sereias. Ulisses saiu com os seus jovens marinheiros a navegar (hoje grande parte da juventude encontra-se “navegando”) nos mares bravios e, num dado momento, eles se encontram com as sereias. Seduzidos pelo canto das sereias, os marinheiros se deixam lançar para os braços delas. Apavornado com a situação emergente, Ulisses começou a amarrar seus jovens marinheiros, e depois até ele mesmo, ao mastro do seu navio...

O filme *Piratas do Caribe* retrata o mito em questão de uma forma instigante. Nele, a Igreja é representada por um padre, o que conota segurança e credibilidade. Até o padre, porém, sempre firme, num dado momento é também seduzido pela sereia e cai em seus braços.

Sereia eletrônica

Com isso quero dizer o seguinte: a mídia é a sereia eletrônica. A trilogia – Sociedade, Juventude e Igreja – é seduzida por esta sereia. Sedução por conta da linguagem da multimídia e da interatividade digital. Frente a isso, cabe perguntar-se: é o modelo midiático realmente o modelo de evangelização? Será que não é preciso retomar o modelo evangélico tradicional, isto é, olho no olho, mão a mão, coração a coração? Sinto uma tentação tímida em afirmar que, desde o momento em que a Igreja passou a ser seduzida por essa sereia, seus marinheiros começaram a se atirar para fora da barca de Pedro. A última estatística do IBGE revela que 9% de marinheiros caíram fora desta barca.

Isso não quer dizer que sou contra o uso da mídia. Usá-la faz bem, ser usado por ela faz mal e gostar de ser usado pela mídia é o fim. Isto, por sua vez, podemos ilustrar com os padres terceirizados. Creio que precisamos amarrar nossos navegadores, particularmente os jovens, ao mastro de uma catequese sólida e mistagógica (a mística aqui no



seu verdadeiro sentido). A nossa catequese, infelizmente, parece estar reproduzindo uma imagem de escola, o que faz perder de vista a questão mistagógica. É importante também resgatar a Tradição de Jesus de Nazaré, como nos pede o Concílio Vaticano II.

Os jovens são incansáveis navegadores no oceano da *web*, embarcados na diversidade de mídias. São seduzidos pelo consumismo, pelo hedonismo, pelos ídolos midiáticos, pelas modas e modismos, enfim, pela cultura da morte. Aliás, a morte virou espetáculo e diversão. Por exemplo: presenteiam-se certas crianças com brinquedos de matar.

A mídia também é responsável por outro aspecto que eu chamo de cultura miojo. Uma cultura assinalada pelo imediatismo e, por isso, não se consegue aprofundar quase nada. Por exemplo: Hoje, há educadoras no Jardim que não conseguem contar uma história para as crianças até o fim, porque estas não têm mais a paciência de ouvir. Outro exemplo é a pesquisa rápida pelo site de busca Google, colocando em crise um conhecimento adquirido por leituras mais complexas ou, mesmo, visitas às bibliotecas.

Os sonhos, influenciados por esta cultura, são também marcados pela importância do aqui e agora. A tal problemática Pe. Libânio fez excelente referência em sua exposição, quando disse que na pós-modernidade acena-se unicamente com o presente.

No que diz respeito ao mundo da educação, faço um breve apontamento. Enquanto os estudantes estão com ideias do século XXI, os professores estão com a mentalidade dos séculos XX ou XIX. Ora, na Igreja também não é assim? Eis, portanto, um desafio. Uma das saídas é talvez somar os dois saberes: o tecnológico dos jovens com o vivencial dos professores.

A mídia e os atributos de Deus

É necessário ainda destacar a vinculação existente entre a mídia e os atributos de Deus. Assim como temos os atributos de Deus, como onipotência, onipresença, onividência e onisciência, também de outra forma, eles estão presentes no campo da mídia. Uma vez se dizia que a mídia era o quarto poder. Não. Ela é o poder. Onipresença, quer dizer, ela está em toda a parte e lugar. Basta perguntar quem que está com seu celular ou notebook aqui na sala. O olho da mídia que tudo vê se refere à



onividência. O “santo Google” que tudo sabe nos faz lembrar o atributo da Onisciência.

Diante desses atributos de Deus na mídia, não estaria aqui uma nova forma de idolatria? Não é verdade que todo ídolo exige sacrifício? E os jovens vivem segundo esses códigos de comportamento. A exterioridade torna-se valor absoluto. Impera a cultura do corpo. Se os jovens são os mais facilmente enganados, como o senhor disse, Pe. Libânio, não seriam eles as vítimas mais frágeis da mídia, ainda mais que ela trabalha com o poder de imagem?

Pois bem. Outro ponto sobre o qual faço referência diz respeito à relação estrita entre a mídia e a Igreja. Em geral, as pessoas reproduzem no serviço de pastoral o que veem nas mídias. A mídia e o modelo de Igreja estão em crescente processo de veiculação. Prova disso é o florescer dos devocionismos, da lógica do espetáculo e do mercado, e o predomínio da imagem de um Deus milagreiro, nos meios de comunicação. Sob esse prisma, desdobra-se outra problemática referente à mídia e a crise de identidade. Por exemplo: ao sintonizar uma determinada rádio, a pessoa que escuta não sabe se é um padre ou um pastor quem fala, pois o discurso é o mesmo.

Ora, é possível evangelizar com a lógica do espetáculo e da imagética? Por que tanta resistência em evangelizar sem ser igrejeiro? Por que tanta dificuldade com a pastoral urbana se o cristianismo nasceu nesse contexto? Qual o lugar da Tradição na Pastoral da Juventude? Ou ainda, no contexto contemporâneo, como fazer Pastoral da Juventude? Por fim, no mundo pontuado pela imagética (imagens que bloqueiam o pensamento), pela sonoridade (casamento perfeito entre imagem e som), como comunicar o invisível e o inaudível para esta juventude?

Pe. Libânio:

Agradeço a reflexão desenvolvida pelo Pe. Nandi.

Como a minha maneira de pensar é dialetizar, todos esses problemas apresentados, oriundos principalmente de uma cultura da imagética e da comunicação, eu procuro olhar para onde há alguma coisa de evangelizável. O não evangelizável é muito claro! Foi mencionado pelo debatedor e, por isso, nem preciso reforçar.



Certa vez li o livro de um inglês chamado *A armada do papa*. Ao ler esse livro, pude perceber a genialidade de três grandes movimentos no que diz respeito à dinâmica, não ao conteúdo. A partir dessa leitura, inventei uma palavra chamada “círculos concêntricos adstringentes”.

O autor do livro diz que quando Chiara fazia alguns vídeos e os distribuía para o mundo inteiro, milhões de pessoas assistiam. Posteriormente, pensou-se em criar um grupo menor e que se reunissem fisicamente uma vez por ano. Tal sonho se concretizou e surgiram as grandes Mariápolis. Em seguida, se cogitou em criar um grupo menor e que se reunissem a cada mês. E, por fim, se chegou à criação de um grupo mais reduzido e que se reunissem a cada semana. Assim, se tinha um grupo bem coeso e convicto, engajado e comprometido. A evangelização pelo mundo da mídia é início, mas não é evangelização ainda.

Essa história mostra a passagem que precisamos fazer, da superficialidade midiática para o mínimo de aprofundamento. Depois, um grau maior de aprofundamento. Logo depois um pouco maior, e assim por diante. Portanto, se nós trabalharmos com esta dinâmica do pouco, acredito que teríamos alguma resposta positiva. Os grupos menores são os que vivem o evangelho de forma mais vigorante, mas não é a única possibilidade. Há muitas maneiras de viver pelo menos uma dose mínima de cristianismo.

A pedagogia de Jesus nos ajuda a entender tal questão. Quando Jesus conversa com aquela mulher samaritana que tinha cinco maridos – não cabe aqui estudar a exegese do texto – à qual se revela como o Messias, ele não pede para ela entrar em um convento, apenas lhe diz a verdade sobre os cinco maridos. Também quando outra mulher foi surpreendida em adultério, Jesus só pergunta se alguém a tinha condenado e, não a condenando ele também, despede-se dela dizendo-lhe apenas: “Não peques mais!” Já no caso do jovem rico que cumpria os mandamentos, Jesus lhe exige mais, mas o jovem não aceitou a proposta.

Trata-se da pedagogia do passo seguinte. É preciso perceber que a única exigência do evangelho é sair do lugar de onde estamos para um passo seguinte. E mais: só a própria pessoa pode dar esse passo; não adianta ser imposto por pressão externa. Assim, teremos bom futuro no campo da pastoral. Pergunte a si mesmo: o que posso propor a mais do que a simples atitude estética e emocional?



Pe. Siro:

Desejo fazer a união de algumas ideias advindas da reflexão do Pe. Nandi e do Pe. Libânio. Quanto ao mito das sereias, ressalto um detalhe importante. Ulisses mandou a tripulação selar os ouvidos com cera de abelha, e mandou que o amarrassem ao mastro, com as mãos para trás. Os marinheiros surdos impulsionaram o navio na direção das sereias. Impedidos de escutar o seu canto não eram seduzidos e, conseqüentemente, não se afogariam. É interessante lembrar que apareceu Morfeu, e cantou mais belamente que as sereias. Sendo assim, foram elas que se afogaram no mar. Devemos ter um canto melhor para cantar. Em nosso caso, é o Evangelho inserido no mundo de hoje que vai afogar as sereias. Como será? É uma luta...

Pe. Pedro Paulo Alexandre:

Hoje o conhecimento teológico está muito acessível. Existem diversos meios para se estudar Teologia. Isso tem despertado em nossos jovens um maior amor à Igreja. Sinto que hoje temos uma juventude, apesar de tudo, marcada pela fidelidade. Como nossos jovens e nossos padres jovens podem ser realmente fieis ao Magistério, sem abafar o que é próprio da nossa Igreja local?

Dom Demétrio:

Tantas coisas profundas que nos fazem pensar. Isso é muito bom. Não sei se captei bem, mas a imagem bloqueia a reflexão. No que diz respeito à Liturgia, é preciso deixar de encher de imagens para aumentar os símbolos. Afinal, as parábolas de Jesus eram simbólicas e estas desencadeavam um processo de reflexão. Como superar o imaginário em nossa Liturgia? Como valorizar mais o símbolo, para que nossa Liturgia seja verdadeira e que possa conseguir atingir nossos os maiores de uma verdadeira evangelização?

Pe. Libânio:

A raiz da palavra “fidelidade” é fé. Fé é entrega de si mesmo a Deus Pai e aos irmãos. Esta é a fidelidade radical. Qualquer fidelidade



fora disso é formalismo. Jesus critica bastante uma fidelidade obcecada pela lei e pelos costumes.

Cito, por último, uma frase bela do Cardeal Martini: “Agora, na minha idade, quando me perguntam alguma coisa, eu procuro pensar o que Jesus diria ou faria.” Portanto, não se trata especificamente do que a norma ou a regra diz. O importante é notar aquilo que Jesus diria a partir do que nós conhecemos do Evangelho. É essa a nossa vocação.

Professor Ramada:

Imagino que, por causa da voz, Pe. Libânio não teve condição de ressaltar a importância da etimologia das palavras “jovem” e “juventude”, pois, segundo Jung, a etimologia é um caminho que leva a pessoa da palavra ao símbolo. Fidelidade ao Evangelho, a meu ver é importante, pois esta vai constituir o caminho para que fiquemos enraizados onde Deus nos chama.